

A revolução sexual de 1968 até aos nossos dias

por Irmão Xavier DOMINI

Nota: Este ensinamento é essencialmente baseado dum ensinamento dado por Pierre-Olivier Arduin numa das nossas sessões em Sens, em julho de 2008, sobre o mesmo tema.

O cerne da Revolução de 1968: a revolução sexual

Toda a gente já ouviu falar de 1968 como um período de grande efervescência na Europa. Referimo-nos deliberadamente à Revolução de 68, porque este movimento provocou uma verdadeira mudança na nossa visão do homem, da sociedade e da família. O cerne deste movimento era a emancipação total do homem: a palavra de ordem “é proibido proibir” testemunha-o. A outra palavra de ordem, “Fazer o amor e não a guerra”, mostra que o motor desta emancipação é a revolução sexual, cujo ponto de partida dinâmico é a dissociação entre sexualidade e procriação tornada possível pela contraceção¹.

Em França, a Maçonaria, herdeira do Iluminismo, há muito que trabalhava para eliminar Deus do espírito das pessoas e construir uma nova sociedade com um novo homem, um novo tipo de família, muito distante da visão dada pelo judaico-cristianismo. Desde a Revolução, as ideias iluministas tinham penetrado na cultura e nas mentalidades, mas havia ainda um forte ponto de resistência. As pessoas ainda se apegavam a uma ordem natural porque ainda existia um sólido senso comum e porque o cristianismo ainda era vigoroso e pregava a submissão à lei dada por Deus Criador. Assim, as leis do casamento e da família decorriam diretamente do plano de Deus criador. A vida continuava a ser um dom sagrado. Tudo isto impedia qualquer mudança profunda na sociedade e, por conseguinte, a chamada emancipação do homem!

Para realizar esta mudança na sociedade, era, portanto, necessário efetuar uma mudança na própria noção de vida. O doutor Pierre Simon, antigo presidente da Grande Loge de França e cofundador do Planeamento Familiar Francês, afirmava no seu livro de 1979², *De la vie avant toute chose (Da vida antes de tudo escolhida)*, que para se operar uma mudança definitiva na sociedade, a vida devia perder “o carácter absoluto que tinha no Génesis ou para Aristóteles, para se tornar um conceito que se modela e evolui segundo leis, ideias e conhecimentos. A vida é o que os vivos fazem dela: a cultura determina-a(...). Não é a mãe sozinha, mas toda a coletividade que traz a criança em seu ventre. É ela que decide se a criança deve ser gerada, se deve viver ou morrer, qual é o seu papel e no que se deve tornar”. “Estabelecer o princípio de que a vida é um material, no sentido ecológico do termo, e que cabe a nós geri-la”. Esta é a ideia central do programa maçónico para mudar a sociedade.

Mudar o próprio conceito de vida através da contraceção.

Para mudar o próprio conceito de vida, do qual depende a mudança da sociedade, foi necessário impor a alavanca da contraceção. Porquê? Porque a contraceção permitiu dissociar o que estava ligado por natureza, a saber, a procriação e a sexualidade. Isto significava que a sexualidade podia ter a sua própria autonomia e que já não estava necessariamente ligada ao dom da vida. A sexualidade foi libertada da responsabilidade pelo dom da vida. Com a contraceção, a mulher pode dispor livremente do seu corpo. Ela não está mais presa ao seu papel de esposa e mãe. A contraceção permite “a verdadeira emancipação da mulher”, na qual ela é libertada, não dos constrangimentos do trabalho, mas sobretudo da dependência afectiva de uma sexualidade conjugal fundada no casamento e na doação total dos cônjuges no amor fiel. A contraceção permite uma mudança de quadro cultural. Ela conduz a uma absolutização da liberdade sexual, privada de qualquer referência à responsabilidade e livre de

¹ Évelyne Sullerot, feminista histórica e fundadora do Planeamento Familiar em França, admitiu-o ao afirmar que “a verdadeira revolução de maio de 68 foi a dissociação da sexualidade e da procriação” (cf. O Journal La Croix, 3 de maio de 2008).

² Pierre Simon morreu a 11 de maio de 2008, sob o elogio unânime de várias obediências francesas. Antes de mais, a Grande Loge: “Como ginecologista, trabalhou com Simone Veil e Lucien Neuwirth para modificar as leis do nosso país (a França) no domínio vital da contraceção e do planeamento familiar”. Foi também no início de maio que várias delegações francesas e europeias de membros da maçonaria foram recebidas com grande pompa pelo Presidente da Comissão Europeia, Durão Barroso. Reiteraram a necessidade de um maior reconhecimento do princípio da separação das religiões dos Estados europeus e do “princípio da emancipação segundo o espírito do Iluminismo”, que é “a verdadeira cultura comum dos europeus”, “de acordo com a nova Carta Europeia dos Direitos Fundamentais”.

qualquer norma ética. Dissociar a sexualidade e o dom da vida significa que o dom da vida já não está necessariamente ligado à natureza das coisas, mas pode depender da tecnologia. Além disso, a contraceção não favorece a aceitação da vida; gera uma mentalidade anti-conceção e anti-vida. Por conseguinte, conduz mais facilmente ao desejo de abortar. (Os números testemunham este estado de espírito: a contraceção não reduz o número de abortos, pelo contrário). Para justificar o aborto e tranquilizar a consciência, a vida deve perder o seu carácter sagrado e tornar-se progressivamente uma matéria que o homem pode utilizar a seu bel-prazer.

Até então, esta ideia, ou melhor, filosofia, não tinha podido tornar-se realidade devido ao obstáculo técnico - não existiam meios de contraceção realmente válidos - e ao obstáculo político - a legislação estatal travava esta filosofia. O progresso científico com a invenção da pílula contraceptiva em 1956 nos EUA por Gregory Pincus e o seu colaborador católico John Rock quebrou a barreira técnica. A descoberta da pílula foi em parte possível graças ao financiamento da poderosa organização americana de Planeamento Familiar, fundada por Margaret Sanger, que Pierre Simon revelou ser seu discípulo. Foi ela que pôde afirmar, nos anos 50, que “o futuro da nossa civilização dependia da invenção de um contraceptivo simples e barato”³.

O cadeado político também foi quebrado, uma vez que as autoridades políticas adoptaram as ideias e a filosofia do mundo maçónico, apoiando-se na autoridade das autoridades médicas. Assim, Pierre Simon afirma: “Se a sociedade não cessa de influenciar a própria finalidade da medicina, esta, por sua vez, molda cada dia um pouco mais o rosto e o destino das sociedades modernas... Esta intervenção política dos médicos torna-se cada vez mais necessária: ao deixarem de ter como único objetivo assegurar a sobrevivência dos seres humanos, mas ao empenharem-se em mudar a sua condição e, por conseguinte, em abalar a sua moral, os médicos, tal como os outros cientistas, desempenham agora um papel muito real no poder”. Foi o que aconteceu em França, onde Lucien Neuwirth, maçom, médico e deputado, liberalizou a contraceção com a famosa lei com o seu nome, aprovada em 28 de dezembro de 1967⁴. Daniel Cohn-Bendit, um dos líderes de 1968, disse: “O desejo de emancipação precisava de um espaço político normalizado”⁵, por outras palavras, tinha de ser o poder político democrático a ratificar a revolução sexual. Foi o que aconteceu com a lei Neuwirth, um ano antes de 1968. A partir de 1968, a classe política apoiou cada vez mais esta emancipação. A direita, com medo de ser acusada de retrógrada, favoreceu-a. Desde 68, a revolução cultural é transmitida pelo Estado, seja à direita ou à esquerda!

Daniel Cohn-Bendit, atualmente deputado ao Parlamento Europeu (em 2017), teve o prazer de declarar em 2008 que “68 acabou. Culturalmente, ganhámos”⁶. Não está enganado. A nossa sociedade abraçou plenamente a revolução sexual, dando os últimos retoques na ideia subversiva da sexualidade como consumo, livre de qualquer norma moral transcendente. Contrariamente ao que alguns pensam, o objetivo do maio de 68 não era a tomada do poder como parte de um ideal revolucionário de tipo marxista, mas sim levar a cabo esta revolução sexual para criar uma nova cultura. O objetivo era dissolver a ética fundada no respeito pela família e pela vida, rejeitando, através do poder democrático legítimo, todos os valores cristãos que pudessem pôr em causa o seu modelo de vida social e criar uma nova cultura que negasse qualquer base transcendente para a moral.

Pierre Simon tinha razão quando escreveu: “*A revisão do conceito de vida provocada pela contraceção transformará a sociedade na sua totalidade*”. E dizia também: “*A contraceção libertadora derrubou o muro das fatalidades tradicionais. A sua desapareção abre um campo aberto no qual a nova moral terá de se enraizar*”.

É o que vai acontecer: o reconhecimento da contraceção como um direito abre uma longa série de direitos iníquos que provocam uma mudança cultural e social sem precedentes: o direito ao divórcio, o direito ao aborto, o direito de controlar o próprio corpo, o direito a ter um filho (MAP, GPA, manipulação bioética), o direito à eutanásia... o estatuto das mulheres é alterado, são “libertadas” dos grilhões da maternidade e do seu papel de esposas!

³ Michel Schooyans, *Le terrorisme à visage humain (O terrorismo à vista humana)*, François-Xavier de Guibert, 2006.

⁴ Descodificação, *Contraceção: lei Neuwirth, 40 anos depois*, 21 de dezembro de 2007, www.libertepolitique.com

⁵ Journal « Le Figaro » 17 de maio de 2008

⁶ Journal « Le Figaro » 17 de maio de 2008

Resumindo

Sem a pílula hormonal (no domínio da ciência) e sem a lei Neuwirth que a despenaliza (no domínio da política e do direito), o espírito hedonista de maio de 68 teria tido muito mais dificuldade em impor-se. A dissociação entre a sexualidade e o dom da vida é o ponto de partida para um ataque total à natureza do homem e da mulher, à sua estrutura antropológica criada por Deus. Deste modo, a vida perdeu progressivamente o seu carácter sagrado, tornou-se uma matéria nas mãos do homem.

Tudo isto permitiu demolir a visão cristã do mundo e substituí-la por uma nova concepção do homem e da sociedade. A desconstrução do projeto de Deus conduz à morte de Deus proclamada por Nietzsche; ou a apostasia da lei moral natural tornou possível a apostasia mais segura do próprio Deus. É este, em última análise, o objetivo daqueles que conduziram conscientemente a revolução cultural desde 1968 até aos nossos dias.

Quais são hoje as consequências reais desta revolução cultural?

- A propagação de um “egoísmo asfixiante”⁷, segundo as palavras de Bento XVI.
- Uma regressão sem precedentes da relação entre homens e mulheres ao sentimento e até à pura corporalidade.
- A sedução do chamado controlo do corpo conduziu a uma permissividade e sujeição generalizadas das mulheres, com os seus corpos relegados para o estatuto de meros objectos de consumo.
- Um índice de divórcios alarmante: um em cada três, em média, em França, e um em cada dois na região parisiense.
- O crescimento exponencial da pornografia.

Bento XVI, seguindo João Paulo II, resumiu estas consequências no n. 5 de Deus caritas est: *“A constituição do ser humano [é] simultaneamente corpo e alma. O homem torna-se verdadeiramente ele mesmo quando corpo e alma estão em profunda unidade; o desafio do eros é verdadeiramente superado quando esta unificação é alcançada. Se o homem aspira a ser apenas espírito e quer rejeitar a carne como herança meramente animal, então o espírito e o corpo perdem a sua dignidade. E se, por outro lado, nega o espírito e, portanto, considera a matéria, o corpo, como realidade exclusiva, perde também a sua grandeza. (...) A forma como hoje exaltamos o corpo é enganadora. O Eros, reduzido simplesmente ao sexo, torna-se uma mercadoria, uma simples coisa que se pode comprar e vender; mais ainda, o ser humano torna-se uma simples mercadoria (...). O homem vê agora o corpo e a sexualidade como uma parte puramente material de si próprio, que utiliza e explora de forma calculada (...). Estamos perante uma degradação do corpo humano, que já não está integrado no conjunto da liberdade da nossa existência, que já não é a expressão viva da totalidade do nosso ser, mas está confinado ao domínio puramente biológico”⁸*. Bento XVI disse ainda no Congresso Internacional promovido pela Universidade Lateranense por ocasião do 40º aniversário da Humanæ Vitæ: *“Na ausência desta unidade, (...) numa cultura sujeita ao domínio do ter sobre o ser, a vida humana corre o risco de perder o seu valor. Se o exercício da sexualidade se transforma numa droga que procura subjugar o cônjuge aos seus próprios desejos e interesses, sem respeitar o tempo da pessoa amada, então o que deve ser defendido já não é simplesmente o verdadeiro conceito de amor, mas antes de mais a dignidade da própria pessoa”⁹*.

João Paulo II falou de uma “guerra” e de uma “conspiração contra a vida” (n. 12, Evangelium Vitæ). Neste campo de ruínas, porém, brilha a Encíclica Humanæ Vitæ, uma das mais belas jóias do Magistério da Igreja.

⁷ Bento XVI, Discurso ao congresso Internacional por ocasião do 40º aniversário da Encíclica Humanæ Vitæ, Ibid

⁸ Bento XVI, Deus caritas est, Pierre Téqui Éditor, pp. 11-12. É notável a “concordância” das análises de Pierre Simon e de Bento XVI - obviamente com intenções muito diferentes - que deve fazer refletir os católicos para quem a contracção continua a ser um progresso humano que a Igreja deve apoiar.

⁹ Bento XVI, <http://www.zenit.org/Discours> aos participantes no Congresso Internacional organizado para assinalar o 40º aniversário da publicação de Humanæ Vitæ, 10 de maio de 2008, Osservatore Romano de língua francesa, n. 20, p. 5.